

AMOR EM ROMA



SARAH ADAMS

AUTORA DE TÁTICAS DO AMOR



AMOR EM ROMA

SARAH ADAMS

Tradução de Luara França



Copyright © 2022 by Sarah Adams

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial em qualquer meio. Esta edição foi publicada mediante acordo com Dell Books, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

When in Rome

COPIDESQUE

Stella Carneiro

REVISÃO

Tháís Carvas

Laiane Flores

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN E ARTE DE CAPA

Sandra Chiu

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A14a

Adams, Sarah

Amor em Roma / Sarah Adams ; tradução Luara França. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

Tradução de: When in Rome

ISBN 978-65-5560-627-0

I. Romance americano. I. França, Luara. II. Título.

23-84320

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para minha avó Betty.

*Gostaria que você tivesse lido este livro, porque sei que teria
adorado a Mabel. Sinto saudade de você, do seu sorriso e do seu
suéter de Papai Noel.*

“Nasci com uma enorme necessidade de receber carinho e uma terrível necessidade de dar carinho.”

AUDREY HEPBURN

Amelia

Está tudo certo, né? Eu estou bem?

Respiro fundo e seguro o volante com um pouco mais de força.

— Sim, Amelia, você está bem. Na verdade, você está ótima. Está igualzinha a Audrey Hepburn, tomando o controle da própria vida, eeeeeeee... você está falando sozinha... então talvez não esteja cem por cento, levando em conta as circunstâncias, está quase ok — digo, semicerrando os olhos para me concentrar na estrada escura à minha frente. — É, acho que quase ok dá pro gasto.

Mas o problema é que está um breu, e meu carro está fazendo um barulho parecido com o de moedas soltas na máquina de lavar roupa. Não sou uma expert em carros, mas esse som não me parece um bom sinal. Meu Toyota Corolla perfeito, o carro que me acompanha desde que eu estava no ensino médio, o carro onde eu estava quando ouvi pela primeira vez minha música no rádio aos dezoito anos, o veículo que me levou até a Phantom Records para assinar meu contrato há dez anos, está chegando ao fim da vida. Ele não pode quebrar, seu banco ainda está impregnado com o cheiro das minhas joelheiras de vôlei.

Você vire esse carburador pra lá.

Esfrego o painel como se pudesse conjurar um gênio da lâmpada para me conceder três desejos. Em vez disso, me é concedida a perda de sinal de celular. A música que eu estava escutando para de tocar e meu Google Maps não mostra mais a setinha que me levaria para fora dessa estrada no meio do nada que mais parece um cenário de filme de *serial killer*.

Sério, isso está começando a parecer o início de um filme de terror. Acho que sou a personagem pra quem a galera do cinema grita “você é burra!”, com pipoca caindo da boca e um sorriso malicioso. Ai, céus, isso foi um erro? Talvez eu tenha deixado minha sanidade em casa, em Nashville, junto do meu portão de ferro e meu sistema de segurança top de linha. E de Will, meu segurança maravilhoso que fica do lado de fora impedindo as pessoas de entrarem na propriedade.

Hoje mais cedo, minha agente, Susan, e a assistente dela, Claire, me passaram todas as informações sobre nossa agenda abarrotada das próximas três semanas, seguidas de mais nove meses de turnê mundial. O problema é que acabei de passar por três meses desgastantes de ensaio para os shows. Em quase todos os dias desses últimos meses me dediquei a aprender a coreografia, montar o cenário, escolher o repertório, fazer muitos exercícios, repassar as músicas... e tudo isso sorrindo, sem deixar transparecer que por dentro eu me sentia como uma refeição que alguém tinha esquecido fora da geladeira por tempo demais.

Fiquei sentada em silêncio enquanto Susan não parava de falar, os dedos longos, esguios e com unhas impecáveis rolando pela tela do iPad cheio de informações. Novidades que deveriam me deixar animada. Honrada! Mas, de alguma forma, no meio disso eu... desliguei. A voz dela se transformou na de um desenho animado, e tudo que consegui ouvir foram as batidas do meu coração. Alto e dolorido. Minha cabeça foi longe. E o que mais me assustou foi que Susan pareceu nem perceber.

Fico pensando que talvez eu seja boa demais em esconder as coisas. Meus dias são assim: dou um sorriso para uma pessoa e aceno. *Sim, obrigada.* Dou outro sorriso para aquela pessoa e aceno. *Sim, claro que posso fazer isso.* Susan me passa um cronograma todo organizadinho pelo time de RP e eu decoro tudo. *Minha cor favorita é azul, que nem o vestido Givenchy que vou usar no Grammy. E, sim, claro, devo muito do meu sucesso ao*

amor e à dedicação da minha mãe. Não tem um dia que não me sinta extremamente abençoada por ter essa carreira e tantos fãs maravilhosos.

Educada, educada, educada.

Lágrimas caem na minha coxa, e percebo que estou chorando. Não acho que chorar deveria ser a minha reação quando penso nessas coisas. Já ganhei o Grammy duas vezes e assinei um contrato de noventa milhões de dólares com a maior gravadora do país, então eu não deveria estar chorando. Não mereço chorar. E eu definitivamente não deveria estar no meu carro velho no meio da noite dirigindo como uma doida fugindo de tudo. A lista de pessoas que vou decepcionar passa pela minha cabeça como um flash, e o sentimento de culpa é terrível. Eu *nunca* faltei uma entrevista. Odeio decepcionar as pessoas ou agir como se meu tempo fosse mais valioso do que o delas. No começo da minha carreira, jurei que jamais deixaria o sucesso subir à minha cabeça. Para mim, é importante tentar ser o mais flexível possível, ainda que isso me machuque.

Mas algo nas palavras de Susan hoje, quando nos despedimos, acabou comigo.

— Rae... — Ela prefere me chamar pelo meu nome artístico em vez de Amelia, o verdadeiro. — Você parece cansada. Vê se dorme um pouco mais esta noite, pra que amanhã não esteja inchada nas fotos de bastidores da entrevista da *Vogue*. Mas se bem que... a cara de exausta está em alta hoje em dia... — Ela encarou o teto, pensativa, e eu quase esperei que Deus em pessoa descesse para dar uma luz a ela em relação às minhas olheiras. — É, esquece o que eu disse! Vai gerar simpatia nos seus fãs e um pouco mais de burburinho.

Ela se virou e foi embora, e Claire, sua assistente, parou um segundo e me olhou com hesitação. Abriu a boca como se fosse dizer algo, e eu percebi o quanto gostaria que ela falasse algo. *Me veja, por favor.*

— Boa noite — disse ela, por fim, e se afastou.

Fiquei sentada em silêncio por um bom tempo, pensando em como tinha deixado a situação chegar àquele ponto. E como eu poderia sair desse casulo que acidentalmente tinha criado. Essa sensação de vazio havia começado fazia alguns anos, e eu torcia para que fosse por estar cansada do estilo de vida de Los Angeles, e achei que uma mudança viria a calhar. Assim, empacotei tudo e fui para Nashville, Tennessee, onde eu ainda estaria perto da indústria da música, mas não teria uma vida que chamasse tanta atenção. Só que não deu certo. A sensação de vazio permaneceu.

Em situações como essa, algumas pessoas pedem conselhos à família e aos amigos, já outras se aconselham com bolas de cristal. Mas eu escolhi seguir os conselhos da única pessoa que nunca me decepciona: Audrey Hepburn. Hoje mais cedo, fechei os olhos, passei os dedos pela minha coleção de DVDs da Audrey (sim, eu ainda tenho um aparelho de DVD) e fiz uni-duni-tê até que parei em *A Princesa e o Plebeu*. Pareceu muito auspicioso. No filme, ela faz o papel da princesa Ann, que está se sentindo da mesma forma que eu (sozinha e sobrecarregada) e escapa uma noite para explorar Roma. (Bem, na verdade, ela vagueia pela noite, já que está meio grogue de remédio, mas a ideia é mais ou menos essa.)

E, de repente, lá estava a minha resposta. Precisava sair daquela casa, me afastar de Susan, das minhas responsabilidades, de absolutamente tudo, e fugir para Roma. O problema é que a Itália é um pouco longe, considerando que eu tenho uma turnê em três semanas, então acabei me contentando com a Roma mais próxima que o Google Maps tem para me oferecer. O lugar perfeito para se recuperar depois de uma crise.

Fui até minha garagem, passei direto pelos outros dois carros mais caros e peguei o velho e conhecido amigo que me acompanha há mais de dez anos. Dei partida e dirigi em busca de Roma.

Agora, estou numa estrada sinistra e começando a achar que um pouco do vazio emocional sumiu, porque estou me dando conta de que essa ideia foi ridícula. De algum lugar dos céus, Audrey,

com sua auréola, está me observando e desaprovando meu comportamento.

Olho a tela do celular. Vejo o ícone de *sem sinal* e tenho certeza que ele até pisca pra mim, me provocando. *Você tomou uma péssima decisão. Agora vai virar tema de mais um documentário de true crime.*

Engulo em seco e falo para mim mesma que vai ficar tudo bem. Não tem nenhum problema. Está tudo sob controle.

— Engole o choro e deixa de ser reclamona, Amelia! — digo em voz alta para mim mesma, porque com quem mais uma garota fala quando está sozinha no carro no meio de uma crise?

Só preciso que meu Corolla continue funcionando por mais dez minutos até que eu saia dessa estradinha assustadora e chegue na próxima cidade. Depois, eu ficaria até honrada em prestar uma homenagem aos dez anos de serviço do carro e permitir que ele pare de funcionar, mas que isso aconteça onde tenha luz, e com sorte bem longe de onde um *serial killer* possa estar esperando para jogar meu corpo em uma vala qualquer.

Ah, não, mas quem diria! Meu carro começou a fazer mais um barulho e está sacudindo... literalmente *sacudindo*, como se estivéssemos no começo dos anos 2000 e eu tivesse dado uma turbinada nele e feito algumas customizações. Só preciso de umas luzes roxas na parte de baixo e estou pronta para viajar no tempo!

— Não, não, não! Não faça isso comigo agora! — imploro para o Corolla.

Mas ele faz.

Meu carro para no meio da estradinha, no breu, sem qualquer dignidade. Fico desesperada tentando dar partida de novo, mas ele não coopera, fazendo apenas alguns barulhos. Ainda estou segurando o volante com força, e encaro os arredores silenciosos enquanto a ficha cai. Tentei me lançar em *uma* única aventura sem recorrer a Susan e já fracassei logo na primeira noite, em duas horas. Se isso não é a coisa mais patética do mundo, não sei

o que é. Tá, eu consigo cantar no palco por horas em frente a milhares de pessoas, mas não sou capaz de dirigir até outro estado sozinha.

Já que não há nada que eu possa fazer além de ficar no carro e esperar amanhecer para poder enxergar se tem alguém vindo com uma serra elétrica na minha direção, me recosto no banco e fecho os olhos. Deixo que a derrota tome conta de mim. Amanhã de manhã vou dar um jeito de ligar para Susan. Vou pedir que ela mande um carro e vou me forçar a sair dessa deprê.

Toc toc toc.

Dou um grito e pulo no banco, batendo a cabeça no teto do carro. Olho pela janela e, cacete, tem alguém parado do lado de fora! É isso. Este é o momento da minha morte, e depois que a história do meu assassinato passar em todos os programas de TV, tudo o que vão lembrar de mim vai ser essa fuga idiota no meio do nada.

— Está tudo bem? Você precisa de ajuda? — pergunta a pessoa do lado de fora do carro.

Ele foca a lanterna na minha direção, me cegando por alguns segundos. Levanto as mãos para tapar os olhos, e também para evitar que ele me reconheça.

— Não, obrigada. Estou bem! N-não preciso de ajuda! — grito pela janela fechada, o coração batendo forte.

Definitivamente não vou aceitar ajuda de um desconhecido no meio da noite.

— Tem certeza? — pergunta ele, enfim percebendo que estava me ofuscando com a lanterna e a colocando de lado.

A voz dele é agradável, preciso admitir. Rouca e suave ao mesmo tempo.

— Tenho! Está tudo sob controle! — respondo em um tom de voz animado, porque o mundo pode estar vindo abaixo, mas pelo menos eu sei ser simpática. Também faço um joinha para garantir.

— Parece que seu carro quebrou.

Não posso admitir uma coisa dessas! Eu estaria basicamente falando para ele que sou um alvo fácil. *Meu telefone também está sem sinal! Você gostaria que eu descesse do carro para poder me sequestrar, ou seria mais divertido para você se quebrasse a janela? Pode escolher!*

— Não, só... estou descansando um pouquinho. — Dou um sorriso tenso, ainda tentando esconder parte do meu rosto, torcendo para que ele não perceba que sou uma artista milionária dirigindo esse carro velho.

— Está saindo fumaça do motor. — Ele aponta a lanterna para a densa nuvem de fumaça que sobe do capô. Péssimo sinal.

— Ah... É. Isso acontece de vez em quando — digo com a maior naturalidade de que sou capaz.

— Seu carro solta fumaça de vez em quando?

— Aham.

— Não consigo escutar você.

— Aham — repito, mais alto e com mais confiança.

— Está bem. — O homem obviamente não está acreditando em mim. — Olha, acho que você precisa sair do carro. Não é seguro ficar dentro de um veículo soltando fumaça.

Ah, tá! Com certeza esse estranho ia adorar isso, né? Bem, não tem nenhuma chance de eu sair desse carro. Mesmo que a voz dele seja agradável.

— Não, obrigada.

— Não vou te matar, se é isso que você está pensando.

Levo um susto e olho para a silhueta no escuro antes de responder:

— Por que está falando isso? Agora que eu acho mesmo que você vai me matar.

— Sabia. Como eu posso provar que não vou te matar? — pergunta ele, parecendo irritado.

— Não tem nada que você possa fazer pra provar isso — respondo, a testa franzida.

Ele solta um grunhido e vai até a frente do carro, parando bem diante dos faróis. Finalmente consigo ver o rosto dele e, *gente*. Esse *serial killer* realmente parece um Ken lenhador. Ele está usando calça jeans e camiseta branca. O cabelo loiro é bem curto dos lados, mas um pouco mais longo em cima. Uma barba curta cobre seu rosto e, sério, combina muito com os ombros largos, o corpo esguio e os bíceps definidos que ficam evidentes quando ele bate no capô do carro. A cena toda é... rústica e charmosa de um jeito que me faz desejar que o ar-condicionado do carro estivesse funcionando.

— Você pode abrir o capô pra eu conferir se algo está pegando fogo?

Desculpa, mas de jeito nenhum. Sendo sexy ou não, zero chance de eu abrir o capô. E se ele... Bem, na verdade eu não sei nada sobre motores e não sei como aquele homem poderia piorar a situação, mas tenho certeza de que seria possível.

— Valeu, mas não preciso de ajuda! Vou esperar amanhecer e chamar o reboque — grito bem alto para que ele me escute.

O sujeito cruza os braços e responde:

— Como você vai chamar o reboque? Aqui não pega sinal de celular.

Bem, ele tem razão. Fiquei sem argumentos.

— Não se preocupe. Vou dar um jeito. Pode voltar para as suas coisas.

Provavelmente ele vai voltar é para algum cantinho de onde possa sair e me pegar assim que eu pisar fora do carro. E, sim, eu sei que estou sendo um pouco paranoica, mas quando você está acostumada com *stalkers* escalando os muros da sua casa, se fingindo de encanadores para enganar os seguranças e até mandando mechas do próprio cabelo, pedindo que você coloque embaixo do seu travesseiro antes de dormir, você acaba ficando meio paranoica com estranhos. E é exatamente por isso que eu NUNCA deveria ter saído sozinha. Preciso aceitar que não sou mais *eu*, simplesmente, e nunca serei.

O Ken lenhador não vai embora. Ele volta até a minha janela e, com um braço apoiado em cima do vidro, chega mais perto e diz:

— Essa fumaça não é um bom sinal. Você precisa sair do carro. Prometo que não vou te machucar, mas vai acabar se machucando se o carro pegar fogo. Juro que sou uma pessoa de confiança.

— Isso é exatamente o que um assassino diria... antes de matar alguém.

— Você conhece muitos assassinos?

Ken lenhador 1 x 0 Amelia.

Dou um sorriso e tento parecer o mais simpática possível quando digo:

— Desculpa, mas... você pode só ir embora? Sério, não quero ser grosseira, só que... você está me deixando um pouco nervosa.

— Se eu for embora, você vai sair do carro?

Solto uma risada surpresa e digo:

— Agora não mesmo! Aliás, de onde você surgiu?

Ele faz um movimento com a cabeça que indica o outro lado do meu carro, e não parece nada feliz quando diz:

— Você está na entrada da minha casa.

Ah.

Viro a cabeça e, realmente, estou parada na frente de uma casa. Da casa *dele*, pelo visto. Não consigo evitar sorrir ao ver a casa fofa. Pequena. Branca. Com cortinas. Duas lâmpadas na porta, um balanço na varanda. Bastante terreno em volta. Parece bem aconchegante, com cara de casa.

— Acho que já sei a resposta, mas... você quer entrar e ligar para alguém? Eu tenho telefone fixo — diz ele.

Dou uma risada tão alta que ele se assusta. Minha nossa, que grosseria da minha parte. Pigarreio e digo, solene:

— Desculpa. Não. Obrigada... Mas não.

— Tudo bem. Como quiser. Se precisar de alguma coisa e acabar decidindo que eu não sou um assassino, vou estar bem ali.

Ele faz um gesto na direção da propriedade e se endireita. Observo ele andar pelo gramado e desaparecer.

Depois que o homem fecha a porta, suspiro aliviada e me afundo no banco do meu Corolla, tentando não me estressar com a fumaça que está saindo do motor, ou com o calor do cacete aqui dentro, nem com o fato de que estou faminta, ou que preciso muito fazer xixi, ou que Susan vai ficar decepcionada de manhã quando perceber que eu não apareci nas entrevistas.

Eu não estou bem. *Definitivamente* não está tudo certo.

Noah

Ela ainda está lá. Já faz vinte minutos e ela não abriu nem uma fres-tinha da porta. E, sim, estou olhando da minha janela e agindo como o psicopata que ela acha que eu sou. E só para deixar claro: eu não sou um psicopata, mas não sei se minha opinião vale muito nessa questão. Para ser sincero, estou um pouco preocupado com a possibilidade dessa mulher morrer hoje. Está muito quente e ela não está deixando nenhum ar entrar no carro. Vai acabar co-zinhando ali.

Que seja, não é problema meu.

Fecho as cortinas e saio de perto da janela.

E volto logo depois.

Droga, sai desse carro, garota.

Olho o relógio, 23h30. Peço aos céus que Mabel não fique mui-to brava comigo quando eu ligar para acordá-la. Depois que disco, espero o telefone chamar seis vezes antes que a voz de quarenta-anos-fumando-mas-agora-eu-parei atenda.

— Quem é?

— Mabel, é o Noah.

Ela resmunga um pouco e diz:

— O que você quer, filho? Eu já estava cochilando na cadeira, e você sabe que eu tenho insônia, então é bom que seja uma coisa importante.

Dou um sorriso.

— É, sim, Mabel, eu não atrapalharia seu sono de beleza se não fosse uma emergência.

Ela faz a linha durona, mas se derrete toda por mim. Mabel e minha avó eram melhores amigas, quase irmãs. E como foi minha vó quem criou minhas irmãs e eu, Mabel sempre nos tratou como família. E Deus sabe que agimos mesmo como se fôssemos parentes. Podemos não ter uma aparência física parecida — Mabel é negra e eu sou branco —, mas nós dois odiamos quando as pessoas se metem na nossa vida. (E, ainda assim, ela adora tentar se meter na minha.)

— Emergência? Noah, não me assusta. Sua casa está pegando fogo, filho?

Ela me chama de “filho” desde que eu era bebê, e continua a fazer isso até hoje, mesmo eu tendo trinta e dois anos. Mas não me importo. Isso me deixa feliz.

— Não, senhora. Preciso que você fale com uma mulher pra mim.

Ela solta um murmúrio surpreso.

— Uma mulher? Querido, fico feliz em saber que você está procurando alguém de novo, mas só porque você está solitário numa noite quente, não significa que eu tenha uma lista de mulheres para quem posso ligar para...

— Não — interrompo antes que ela arremate no que tenho certeza de que seria uma sequência de palavras que nunca quero ouvir da sua boca. — A mulher está aqui na frente da minha casa.

Escuto o barulho da cadeira e imagino Mabel elevando o encosto da poltrona e firmando o assento.

— Noah, fale a verdade, você está bêbado? Tudo bem se estiver, sabe que não vou te julgar. Fiz minhas melhores orações ao Senhor depois de uma noite com Jack Daniel's, mas preciso que você ligue pro James ou pra uma de suas irmãs quando estiver bêbado, não...

Ela não vai parar de falar se eu não fizer nada, então a interrompo de novo:

— Mabel, o carro de uma mulher quebrou aqui na frente de casa e o motor está soltando fumaça, mas ela está com medo de sair porque acha que eu posso machucá-la. Preciso que você diga que eu sou uma boa pessoa, para que ela saia do carro.

Eu poderia ligar para uma das minhas irmãs, mas elas com certeza diriam algo inapropriado sobre como faz tempo desde que eu passei a noite com alguém e depois perguntariam se a mulher está solteira. Definitivamente não vou ligar para elas. Definitivamente não dou a mínima se a mulher está solteira ou não.

— Ah, bem, querido, por que não disse logo? Vai lá pra fora e me deixe falar com a pobre garota!

Percebo um pouco de empolgação na voz de Mabel, algo que não curto nem um pouco e muito menos quero incentivar. Todo mundo nesta cidade tem estado no meu pé para que eu volte a ter encontros, mas não estou interessado nisso. Queria que me deixassem em paz para seguir com a minha vida, mas não é assim que as coisas funcionam por aqui. E agora que esse pensamento me ocorreu, não estou seguro de que Mabel não vai falar alguma coisa parecida com o que minhas irmãs falaria.

Espio de novo pela cortina e vejo que a mulher está se abanando freneticamente dentro do carro. Juro, se eu tiver que chamar a ambulância e passar a noite no hospital sem dormir porque essa desconhecida teve um troço na frente da minha casa, nunca mais vou abrir a porta. Se mais uma mulher destruir minha vida, vou fechar todas as minhas janelas e virar um ermitão que grita com as pessoas que passam na rua.

— Não inventa moda, Mabel. Isso não tem nada de romântico. Só não quero que ela morra de calor na frente da minha casa.

— Aham. Ela é bonita?

Fecho os olhos e pressiono o topo do nariz, tentando não ficar irritado.

— Está um breu lá fora, como é que eu vou saber?

— Ah, faça-me o favor. Eu fiz uma pergunta e espero que você responda.

Solto um resmungo e digo:

— É.

Muito bonita. Só consegui olhar de relance para ela quando liguei a lanterna, mas o que vi me fez querer olhar mais. Cabelo escuro preso em um coque alto, sorriso bonito, cílios fartos e olhos azuis penetrantes. O estranho é que senti como se já a conhecesse, mas nunca vi esse carro pela cidade. Deve ter sido um daqueles casos aleatórios de déjà-vu.

— Bem, então me leve até sua bela princesa — diz Mabel, parecendo animada.

— Mabel...

Tento parecer incisivo enquanto falo com ela e abro a porta. O calor do verão imediatamente parece que vai me sufocar, e me pergunto como aquela mulher está sobrevivendo em um carro sem ar-condicionado e com as janelas fechadas.

— Ah, para com isso! Não é todo dia que uma mulher cai no seu colo desse jeito, então fica quietinho e leva o telefone até ela.

Isso é o que eu mereço por morar quase a vida inteira em Roma, Kentucky. Meus vizinhos ainda me tratam como o moleque que corria pela cidade com a cueca do Super-Homem.

Deixo a porta um pouquinho aberta para que o fio do telefone possa passar, e ando pelo gramado em direção ao carro branco. Está escuro demais para que eu possa identificar a expressão do rosto da mulher no veículo sem usar a lanterna, mas vejo que ela se vira na minha direção. E então imediatamente coloca o banco todo para trás. Ela está tentando me enganar fingindo que não está mais dentro do carro. Me recuso a sorrir com o ridículo da situação.

Quando bato na janela, ela guincha. *Assustada, hein?*

— Oi... — *Você? Garota? Moça que está no meu gramado?*
— Hum... Aqui. Uma amiga minha está no telefone. Ela vai dizer

que sou uma boa pessoa, assim você vai se sentir mais segura para sair do carro.

Ela puxa a alavanca do banco e volta à posição inicial. Solta um gritinho, e tenho que morder o interior da boca para não sorrir. Os grandes olhos dela me encaram de dentro do carro. Infelizmente, não tem luz o suficiente para saber de onde a conheço, mas agora tenho certeza de que a conheço de algum lugar.

— Como é que o seu celular está com sinal agora? — pergunta, a testa franzida.

— Não está. — Levanto o aparelho fixo para que ela veja.

— O que é isso? — diz ela, rindo.

Pelo jeito que faz a pergunta, parece que estou segurando uma espécie rara de animal silvestre.

— Normalmente as pessoas chamam isso de telefone fixo.

— Eu sei, mas... — Ela faz uma pausa e solta mais uma gostosa gargalhada, e o som me envolve como uma brisa suave. — Você roubou isso de um museu dos anos 1950? Agora a manequim com vestido azul rodado e tiara combinando não vai receber a ligação do marido avisando que ele vai se atrasar para o jantar! Meu Deus, o fio desse telefone deve ser enorme!

Semicerro os olhos.

— Você vai abrir a janela ou não, espertinha?

Ela levanta as sobrancelhas.

— Você me chamou de... *espertinha*?

— Chamei.

E é isso aí. Não estou querendo fazer amizade nem instaurar um clima de boas-vindas. Além disso, ela falou mal do meu telefone. Eu amo meu telefone. É um ótimo telefone.

Por mais estranho que pareça, ela abre um sorriso enorme e lindo, e ri. O som faz meu estômago dar cambalhotas, e meu coração dispara. Mando os dois se comportarem. Não vou me abalar com mais uma mulher de passagem pela minha cidade. Vou ajudá-la hoje porque (1) é a coisa certa a se fazer, (2) assim

ela não vai morrer na frente da minha casa e (3) ela poderá ir embora logo.

— Tá bom, então.

Ela abre uma frestinha da janela, e consigo passar o telefone. Nossos dedos se tocam e meu corpo todo reage, porque aparentemente ele não estava prestando atenção naquele meu discurso anterior para mim mesmo. Ela pega o telefone e fecha a janela de novo antes que eu tenha a chance de enfiar uma lança por ali para empalá-la.

Ela observa o aparelho com cautela antes de levá-lo ao ouvido.

— Alô?

Percebo que Mabel tomou logo a dianteira, porque a mulher arregala os olhos e escuta com atenção. Cinco minutos depois, apoiado no capô do carro de braços cruzados, sinto as gotas de suor caindo pelas minhas costas enquanto aguardo a espertinha parar de rir do que Mabel está falando.

— Não acredito que ele fez isso! — diz ela, quase urrando, e agora sei que é hora de pegar o telefone de volta.

Vou até a porta e bato no vidro.

— Acabou o tempo. Vai sair ou não?

Ela levanta um dedo para que eu espere e fala para Mabel:

— Aham... aham... ok. É, foi ótimo falar com você também!

Preciso dar alguns passos para trás quando a mulher, olha só que surpresa, abre a porta do carro, sai e me entrega o telefone. De pé, ela bate na altura do meu queixo, mas o coque bagunçado a deixa mais alta. Não quero admitir, mas ela é bonita, elegante. A camiseta listrada de branco e azul-marinho está por dentro de um short branco curtinho que parece velho e marca bem a cintura esguia dela. Essa mulher deveria estar em um barco tirando fotos em preto e branco, e não aqui comigo. Ela vai desaparecer em um instante, então não vale a pena ficar admirando.

Ela me encara, mas seu olhar fica indo e voltando até a minha casa.

— Sua amiga, a sra. Mabel, falou maravilhas a seu respeito, *Noah Walker*.

Ela fala com uma entonação ácida, aproveitando o fato de saber o meu nome e eu não saber o dela.

— Que bom, fico feliz. — Minha voz é seca como o deserto. Cruzo os braços. — E você é...?

Qualquer que fosse a sensação boa que ela estava começando a sentir desaparece, e a desconhecida dá um passo para trás, ansiosa para voltar à máquina mortal que se tornou o seu carro.

— Por que você quer saber meu nome?

— Para poder cobrar você pelos danos ao gramado.

Minha intenção não foi fazer com que isso parecesse uma piada amigável, mas é assim que ela interpreta.

Ela sorri e relaxa novamente. Não tenho certeza se quero que essa mulher se sinta à vontade. Na verdade, meu instinto diz que é bom que não fique nem um pouco à vontade.

— Vamos combinar o seguinte — diz ela, com um sorriso simpático que eu não retribuo. — Vou deixar um envelope com o dinheiro para você amanhã de manhã. — Um silêncio devastador se segue ao comentário e ela finalmente entende o que acabou de dizer. — Meu Deus! *Não*. Eu não quis dizer... Não acho que você é... um garoto de programa. — Ela estremece. — Não que você não pudesse ser garoto de programa...

Levanto a mão.

— Melhor você parar por aí.

— Concordo — arremata ela baixinho, olhando para o chão enquanto passa os dedos pelas têmporas.

Quem é essa mulher? Por que ela está dirigindo pela minha cidadezinha no meio da noite? Ela é toda assustada. Fala sem parar e parece estar fugindo de alguma coisa.

— Você pode ficar no quarto de hóspedes hoje, se quiser. A porta tem tranca, então você vai se sentir segura enquanto dorme...

A não ser que tenha alguém para quem possa ligar para te buscar ainda hoje.

— Não — responde ela, rápido.

Não consigo entender bem a expressão dela. É uma expressão defensiva, mas também desafiadora, e, droga, queria que não estivesse tão escuro aqui. Meu cérebro está tentando reconhecer alguma coisa nesse rosto, mas não sei exatamente o quê.

— Eu... — Ela hesita, como se estivesse procurando as palavras certas. — Eu estava indo para uma pousada nas redondezas para dar um tempo do trabalho. Então... por mais estranho que pareça, acho que vou aceitar sua oferta do quarto de hóspedes e amanhã ligo para que busquem e consertem meu carro...?

Por que aquela entonação, como se estivesse fazendo uma pergunta? Como se esperasse o meu ok de que é uma boa ideia.

— Claro — respondo com um dar de ombros que demonstra que não me importo com os planos dela, desde que não exijam que eu faça mais nada.

Ela concorda com a cabeça.

— Então tudo bem. É... vamos lá... conhecer a sua casa, Noah Walker.

Passados alguns minutos, depois de ajudá-la a pegar a mala no carro e levar até a entrada, seguro a porta. Quando a mulher passa por mim, fico inebriado com seu cheiro suave e doce. É tão diferente do *meu* cheiro que está pela casa toda, que minha cabeça fica confusa por alguns instantes. É como se uma borracha gigante esfregasse meus pensamentos de *Estou feliz sozinho* e colocasse coraçõezinhos no lugar.

A mulher desconhecida para de costas para mim, observando a sala. Não é grande coisa, mas pelo menos sei que não é horrível. Minhas irmãs me ajudaram a mobiliar a casa depois da reforma, dizendo que eu precisava de uma decoração de fazenda, seja lá o que isso signifique. Só sei que tenho vários móveis de madeira rústica bastante caros e um sofá branco que quase nunca uso porque

prefiro a poltrona de couro do meu quarto. Mas é bem aconchegante. Estou feliz que elas tenham me convencido a fazer isso e não deixaram que eu mantivesse os móveis deprimentes de solteirão.

Meus olhos passam do sofá para os finos cabelos pretos no pescoço dela, suados. E como se conseguisse sentir o meu olhar, ela se vira por completo. Crava os olhos nos meus, e meu estômago se agita. Agora faz sentido ela não ter me dito o próprio nome. E também ter relutado para sair do carro. E entendo por que parece estar alerta o tempo todo. Sei exatamente quem a espertinha é, e nenhuma oração que Mabel esteja fazendo vai funcionar, porque não existe *nenhuma* chance de eu me deixar envolver com essa mulher.

— Você é Rae Rose.



Depois de anos alimentando sua imagem de “princesa do pop”, Amelia Rose, conhecida por sua legião de fãs como Rae Rose, está completamente esgotada. No auge do desespero, ela decide se inspirar na única pessoa que nunca a decepcionou: Audrey Hepburn. Seguindo os passos de *A Princesa e o Plebeu*, um de seus filmes favoritos protagonizados pela atriz, Amelia foge no meio da noite a caminho de Roma... no caso, a opção mais próxima — uma cidadezinha chamada Roma no Kentucky.

Quando seu carro quebra na frente da casa de Noah Walker, o sujeito ranzinza e musculoso deixa claro que não tem tempo nem paciência para lidar com celebridades. Afinal, Noah tem que cuidar da loja de tortas que a avó deixou para ele, e ainda precisa ficar lembrando a seus vizinhos intrometidos, embora adoráveis, que cuidem da própria vida. Sem muita escolha, porém, ele acaba deixando que a cantora fique em seu quarto de hóspedes — mas apenas até que consertem o carro dela, nem um dia a mais.

Só que, aos poucos, Noah começa a ver um lado doce, divertido e vulnerável de Amelia que não costuma estampar as manchetes, e vai cedendo ao instinto de compartilhar cada vez mais do seu mundo com ela. Enquanto ele e os outros moradores mostram à estrela do pop todo o charme que uma cidade pequena tem a oferecer, fica cada vez mais difícil para ela controlar seus sentimentos por aquele lugar acolhedor e seu anfitrião mal-humorado. O problema é que, no fim, até Audrey teve que ir embora de Roma em algum momento, e Amelia precisa enfrentar um dilema: seria possível escapar do próprio destino?

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/amor-em-roma/>